

WITTGENSTEIN, ANTROPOLOGIA E LINGUAGEM: O CORPO NAS INVESTIGAÇÕES FILOSÓFICAS

*WITTGENSTEIN, ANTHROPOLOGY AND LANGUAGE: THE
BODY IN PHILOSOPHICAL INVESTIGATIONS*

Daniel Pala Abeche¹

RESUMO

O presente estudo busca compreender o papel do corpo no pensamento tardio de Wittgenstein, representado pelas *Investigações Filosóficas*. A abordagem da visão agostiniana da linguagem é nosso ponto de partida. Em tal concepção, o gesto dêitico se encontra no cerne do significado de uma palavra, denotando a corporeidade em tal tese. E se esta é criticada por Wittgenstein, outras considerações sobre a linguagem manterão o corpo como basilar em sua ontologia. Abarcada por exemplos cotidianos e por aspectos antropológicos, a obra póstuma de Wittgenstein busca pela exteriorização e pela indissociabilidade entre corpo e mente, cujo significado da linguagem encontra-se na práxis, nos gestos e na cultura.

Palavras-chave: Wittgenstein. Corpo. Linguagem. Antropologia.

¹ Doutorando em Filosofia pela PUCPR. Professor da Escola de Comunicação e Artes da mesma Instituição. *E-mail*: danielpala@gmail.com

ABSTRACT

The present study seeks to understand the role of the body in the late thinking of Wittgenstein, represented by the *Philosophical Investigations*. The approach to the Augustinian view of language is our starting point. In such a conception, the deictic gesture lies at the heart of the meaning of a word, denoting corporeality in such a thesis. And if this is criticized by Wittgenstein, other considerations on language will keep the body as the basilar in its ontology. Covered by everyday examples and by anthropological aspects, Wittgenstein's posthumous work seeks the exteriorization and indissociability between body and mind, whose meaning is found in praxis, gestures and culture.

Keywords: Wittgenstein. Body. Language. Antropology.

INTRODUÇÃO

O corpo, em suas contiguidades, consolidou-se como importante objeto de investigação da tradição filosófica, sendo, inclusive, cerne da transição ontológica de um monismo vitalista antigo para um monismo materialista da vida moderna.

Na perspectiva gnóstica, o corpo é prisão da alma, ou seja, a dissociação entre matéria e espírito é evidente – tese que Wittgenstein buscará combater, como veremos adiante. Para Santo Agostinho, ocorre a passagem do corpo como prisão para uma espécie de **signo** da alma. Tal pensamento ecoa na segunda parte das *Investigações Filosóficas*: “O corpo humano é a melhor imagem da alma humana” (2014, p. 238). A indissociabilidade entre corpo e alma embasará reflexões acerca da linguagem e da consciência no pensamento de Wittgenstein, e nossa investigação inicia-se justamente na influência da visão agostiniana da linguagem na filosofia tardia do pensador austríaco.

1 O CORPO NA CONCEPÇÃO AGOSTINIANA DA LINGUAGEM

A concepção agostiniana da linguagem, contemplada por Wittgenstein em referência à definição ostensiva², é o ponto de partida das *Investigações Filosóficas*. Nela está presente a tese de que as palavras da linguagem denominam objetos. O autor vienense a apresenta para depois tecer sua crítica – e não sua recusa –, relegando tal concepção a um entre tantos possíveis jogos de linguagem. Wittgenstein, assim, questiona um modelo teórico herdado da filosofia grega, amplamente difundido pela semântica de Frege e Russel, e que encontra em seu TLP³ o último representante, até então, de tal pensamento. Agora Wittgenstein quer se livrar de tal tese: “Uma figura nos mantinha presos. E não pudemos dela sair, pois residia em nossa linguagem, que parecia repeti-la para nós inexoravelmente” (2014, p. 72).

Nas *Investigações Filosóficas*, a práxis cotidiana ocupa lugar de destaque no pensamento do filósofo, que volta-se contra o essencialismo e a metafísica: “Nós reconduzimos as palavras do seu emprego metafísico para seu emprego cotidiano” (2014, p. 72). O modo de pensar que agora Wittgenstein contempla, conforme pontuado por Gebauer (2013, p. 13), “consiste em colocar no lugar da apreensão

² O termo **definição ostensiva** foi utilizado primeiramente em *Logic*, de Johnson (1921), mas tal ideia é em si muito mais antiga.

³ *Tractatus Logico-philosophicus*

mental de significados uma compreensão prática”. O referencialismo pertinente à concepção agostiniana cede lugar ao uso como significado e a filosofia wittgensteiniana assume um caráter ativo, é uma filosofia em movimento; o austríaco afasta-se da noção dogmática centrada na explicação do significado das palavras, voltando-se à ação: “antes de explicar, está o agir” (HEBECHE, 2016, p. 31). Contra o monismo vigente, Wittgenstein propõe a saída plural através de uma terapia da linguagem.

Nesta filosofia voltada para a práxis e para o cotidiano, a corporeidade assume importante papel. Na própria definição ostensiva, o ato de apontar é central e o corpo assume posição privilegiada na constituição da significação. Glock (1997) pontua que tal definição inclui tipicamente três elementos: uma expressão demonstrativa; o **ato de apontar** (gesto dêitico) e o objeto para qual se aponta – uma amostra. Vejamos a citação que abre as Investigações:

Quando os adultos nomeavam um objeto qualquer voltando-se para ele, eu o percebia e compreendia que o objeto era designado pelos sons que proferiam, uma vez que queriam chamar a atenção para ele. Deduzia isto, porém, de seus gestos, linguagem natural de todos os povos, linguagem que através da mímica e dos movimentos dos olhos, dos movimentos dos membros e do som da voz anuncia os sentimentos da alma, quando esta anseia por alguma coisa, ou segura, ou repele, ou foge. Assim, pouco a pouco eu aprendia a compreender o que designam as palavras que eu sempre de novo ouvia proferir nos seus devidos lugares, em diferentes sentenças. Por meio delas eu expressava os meus desejos, assim que minha boca se habituara a esses signos.

O corpo é fulcral nesta passagem de Santo Agostinho; entretanto, a crítica que Wittgenstein tece é relacionada à significação de uma palavra ser obtida com referência a um objeto específico, ou seja, por meio da ostensão de um objeto, e este ponto é central no pensamento tardio de Wittgenstein e perpassa toda acepção encontrada nas Investigações Filosóficas. Já o corpo permanece como elemento agregador às observações do filósofo. Nesta própria concepção, o autor apresenta problemas que podem surgir, já que a definição ostensiva não nos fornece uma base inexorável para nossas palavras, e um deles é, inclusive, a possibilidade de uma má interpretação de um gesto dêitico: “[...] ao caso de uma pessoa que, por natureza, reagisse ao gesto de apontar com a mão, olhando na direção que vai da ponta do dedo para o pulso ao invés de olhar na direção da ponta do dedo para fora” (2014, p. 106). A presença do corpo na filosofia tardia wittgensteiniana nos estimula a questionar o caráter antropológico das *Investigações Filosóficas*.

2 O CARÁTER ANTROPOLÓGICO DAS INVESTIGAÇÕES FILOSÓFICAS

Alguns autores defendem um pensamento antropológico em Wittgenstein. Bouveresse (1977) afirma que o vienense se ocupou primordialmente com antropologia; para Gebauer, “seus conceitos antropológicos formam o centro de sua nova compreensão filosófica” (2013, p. 15). Wittgenstein, agora sobre o chão duro da práxis, suscita conceitos como o de semelhanças de família, forma de vida e jogos de linguagem, além de pontuar que “o que oferecemos são, na verdade, observações sobre a história natural do homem [...]” (2014, p. 169). Se o sujeito no TLP encontrava-se na borda do mundo, em seus limites, agora ele está dentro do mundo de forma ativa no cotidiano; “Falar é uma prática social entre outras, abordável do ponto de vista antropológico” (CHAUVIRÉ, 1991, p. 89).

Exemplarmente, o conceito de forma de vida e sua discussão representam importantes contribuições para a metodologia antropológica. Tal concepção suscita o caráter normativo da linguagem e valoriza os aspectos culturais vigentes. Sobre esta tese, Faustino (1995, p. 63) sustenta que

[...] seu habitat não é outro senão a vida dos seres humanos que têm sensações, que têm um modo característico de ser e de comportar-se quanto têm essas sensações e um modo de comunicar-se por gestos e expressões fisionômicas antes mesmo do surgimento da linguagem verbal.

Em tempo, Ludwig Wittgenstein teceu duras críticas acerca do livro *The Golden Bough*, de James Frazer's, que o inspirou no desenvolvimento do conceito das formas de vida, da mesma forma que abriu os seus olhos para os aspectos mágicos e rituais da ação simbólica.

Uma influência provável ao seu pensamento antropológico pode ser atribuída a Piero Sraffa. No prefácio das *Investigações Filosóficas*, Wittgenstein agradece às críticas realizadas pelo autor ao seu pensamento, evidenciando a influência deste na guinada encontrada em tal obra: “A este estímulo devo as mais fecundas ideias neste escrito”. Conforme Sen (2003) pontua, Sraffa e Gramsci desenvolveram uma concepção antropológica minimalista de linguagem e significado, cujo cerne encontra-se no significado fundado em convenções e regras sociais; importante ressaltar que tal concepção já foi apresentada – mesmo que sob viés distinto – no Crátilo de Platão, cujo convencionalismo era defendido por Hermógenes. Há uma

história em que Wittgenstein ao discutir com Sraffa, desiste da filosofia tractariana após Sraffa fazer um gesto típico de Nápoles (passar as pontas dos dedos no queixo) e questionar: “E que forma lógica tem isso?”, ao referir-se às mesmas estruturas internas da proposição lógica e do estado de coisas, tese fundamental do TLP. Sobre tal fato, Gebauer pontua “Se Wittgenstein foi, de fato, tão profundamente influenciado pelo gesto de Sraffa, então certamente também porque ele lhe abriu os olhos para a qualidade protolinguística de gestos e para seus modos de uso” (2013, p. 67). E tais qualidades mostram-se tanto essenciais quanto basilares no constructo ontológico das *Investigações Filosóficas*, afinal, Wittgenstein valer-se-á das formas primitivas de linguagem e seus usos no cotidiano, em uma concepção pragmática, para desenvolver sua tese. Outrossim, o corpo conquista peculiar estatuto na obra pós-tractariana.

3 GESTOS CONTRA O MENTALISMO

Das formas primitivas da linguagem, os gestos ocupam especial destaque no pensamento tardio de Wittgenstein que, então, apropria-se do corpo para combater a concepção mentalista vigente:

É, portanto, errôneo falar do pensamento como uma “atividade mental”. Podemos dizer que o pensamento é, essencialmente, uma atividade da operação com sinais. Essa atividade é executada com a mão quando pensamos escrevendo; com a boca e a laringe quando pensamos falando; e quando pensamos imaginando sinais ou figuras, eu não posso indicar a você nenhum agente que pense. [...] Se falamos sobre o lugar onde ocorre o pensamento, temos o direito de dizer que esse lugar é o papel no qual escrevemos, ou a boca que fala (apud GEBAUER, 2013, p. 69).

O corpo e os gestos alocam-se como elementos fundamentais na ontologia wittgensteiniana, que adquire contornos morfológicos; nas *Investigações Filosóficas*, a compreensão está associada a elementos fisionômicos, que pretendem “[...] não nos dizer o que é a compreensão, mas fornecer critérios, indicar como detectá-la no comportamento de um terceiro” (CHAUVIRÉ, 1991, p. 115), e a abordagem fisionômica “autoriza um esclarecimento recíproco entre o modo como a compreensão se exterioriza na interpretação exagerada e na expressão de um rosto” (ibidem). Para Wittgenstein, a compreensão é indissociável da expressão de um rosto, assim como o significado é indissociável do contexto em que as palavras são proferidas.

Wittgenstein, inclusive, utiliza o gesto para referir-se à atividade filosófica, realizando uma reflexão metodológica. Nas *Fichas*, dois aforismos em especial

apresentam tal perspectiva: “Quem filosofa faz muitas vezes o gesto errado e inadequado para uma expressão verbal” (1981, p. 107) e “(Diz-se o *habitual* – com o gesto errado)” (ibidem). Aqui, novamente, encontramos a relação evidenciada entre linguagem e gestos, “os gestos produzem significados com a participação do corpo” (GEBAUER, p. 68). O corpo, então, é um sistema de referência em relação ao mundo, que age de forma significativa convencional, regulado socialmente. Gebauer conclui que ao nos voltarmos atentamente aos gestos, os vemos entrelaçados com os próprios fundamentos da linguagem, ou seja, o pensamento também possui um lado físico. O hábito e a ação prática são elementos cruciais na concepção da linguagem wittgensteiniana.

4 O CORPO NAS INVESTIGAÇÕES FILOSÓFICAS

Se os gestos e a corporeidade aparecem amiúde nas *Investigações Filosóficas*, evidenciando o caráter pragmático da arquitetura de significação erigida na obra, o termo **corpo** é citado em quatro aforismos. O primeiro trata-se justamente da demonstração da ineficácia da definição ostensiva de forma dogmática, cuja dinâmica é pautada no objeto: “Onde nossa linguagem nos faz supor um corpo, e não há corpo, ali gostaríamos de dizer que se trata de um *espírito*” (2014, p. 35, grifo do autor).

Os dois aforismos seguintes são encontrados na discussão sobre a linguagem privada. Na icônica passagem, Wittgenstein considera a possibilidade de uma linguagem privada uma ficção gramatical resultante da concepção agostiniana da linguagem, “como se a linguagem de alguma forma pudesse conformar-se à natureza do que representa, como se pudesse ser o reflexo, o espelho e uma ontologia que lhe corresponde” (FAUSTINO, 1995, p. 40). Ou seja, uma linguagem que possibilite uma representação psíquica estritamente individual é pouco plausível e é mais um fator que o pensamento tardio de Wittgenstein se propõe a combater. E seguindo o *modus operandi* inerente às *Investigações Filosóficas*, o austríaco se vale de exemplos cotidianos envolvendo o corpo. Neste caso, a situação exemplificada é relacionada à dor. O filósofo então questiona se não é um absurdo um corpo sentir dor: “Até que ponto não é a minha mão que sente dor, e sim eu na minha mão?”, e conclui “quando alguém sente dor na mão, não é a mão que o diz (a não ser que escreva), e não se consola a mão, e sim a pessoa que está sofrendo; olha-se nos olhos da pessoa” (2014, p. 135).

O último aforismo em que Wittgenstein cita diretamente o corpo está no cerne da discussão sobre a consciência: “Parece paradoxal que num relato embaralhamos os

estados do corpo e os estados da consciência: ele sofria grandes tormentos e se atirava impacientemente de lá para cá” (2014, 99). O filósofo aqui busca negar a dissociabilidade entre consciência e corpo, fato que tem relação com a aceção fisionômica da compreensão previamente exposta: “E como pode um corpo *ter* uma alma?” (2014, p. 134, grifo do autor). Tal questionamento sobre a indissociabilidade entre corpo e consciência é fulcral na filosofia e constitui-se *leitmotiv* para inúmeros pensadores, inclusive apresentando-se como estatuto ontológico do racionalismo cartesiano sob um aspecto e da filosofia medieval sob outro aspecto. E ao pontuar como é comum algo que parece paradoxal, Wittgenstein relaciona tal asserção com o significado como uso: “Veja a frase como instrumento, e o seu sentido como o seu emprego!”

Importante salientar também o caráter normativo ao qual Wittgenstein refere-se ao corpo nas *Investigações Filosóficas*. Conforme sustentado por Gebauer (2013), apenas quando o comportamento físico produz resultados iguais às atividades mentais pode haver uma constância dos modos de uso, ou seja, o corpo deve adquirir primeiramente as habilidades necessárias. Wittgenstein chama tal processo de **ajuste de mecanismo**. Como parte de tal processo, o autor utiliza a expressão **treinamento** (2014, p. 17), que significa conduzir o sujeito à sua determinação de ser parte da cultura humana, no caso da criança, é introduzi-la na forma de vida à qual ela pertence. “Ao contrário de concepções antropológicas tradicionais, essa constância do uso corporal não é naturalmente dada, mas produzida pelo sujeito” (GEBAUER, 2013, p. 78). Assim, com base na práxis igual, nós observamos o funcionamento constante e regulado do corpo, que sempre e novamente produz resultados comparáveis nos membros de determinada comunidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essas passagens que apresentam o corpo *ipsis litteris* nas *Investigações Filosóficas* o relacionam com a linguagem, seu emprego e sua significação, não tratam efetivamente de questões necessariamente acerca do **corpo**. Entretanto, é nítida a corporeidade nos gestos e elementos que permeiam tanto as *Investigações Filosóficas* quanto os escritos tardios de Wittgenstein, cuja regra é exteriorizar, e assim substituir concepções prévias pautadas em uma ontologia psíquica e **internalizada**. O filósofo utiliza-se novamente de aspectos pragmáticos para embasar seu pensamento: “São as expressões naturais e os padrões de comportamento primitivo que possibilitam o ensino dos nomes de sensações” (2014, p. 127).

Logo, se a guinada no pensamento wittgensteiniano é marcada também pela transição do solipsismo transcendental para o intersubjetivismo, a exteriorização é a possibilidade de compartilhar vivências, que anteriormente eram internas ou privadas, e no bojo destas ações está o corpo como sistema imprescindível em tal processo, dado que “somente na medida em que a expressão verbal se dirige ao outro e o envolve pode ter início o jogo de linguagem” (FAUSTINO, 1995, p. 67). Logo, a fisionomia ocupa destaque central na reflexão sobre a compreensão em Wittgenstein, e é na práxis que os jogos de linguagem ocorrem, cujos significados não são mais internalizados, mas estão em relação direta com seus usos, cujas expressões e gestos são indissociáveis.

REFERÊNCIAS

- BOUVERESSE, J. L'animal cérémoniel: Wittgenstein et l'anthropologie. **Actes de la Recherche en Sciences Sociales Année**, Paris, v. 16, n. 18, p. 43-54, set. 1977.
- CHAUVIRÉ, C. **Wittgenstein**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1991.
- CLARCK, B. R. **Wittgenstein and Anthropology: a companion to Wittgenstein**. Hoboken: John Wiley & Sons, 2017.
- FAUSTINO, S. **Wittgenstein: o eu e sua gramática**. São Paulo: Ática, 1995.
- GEBAUER, G. **O pensamento antropológico de Wittgenstein**. São Paulo: Loyola, 2013.
- HEBECHE, L. **A filosofia sub specie grammaticae: curso sobre Wittgenstein**. Florianópolis: UFSC, 2016.
- SEN, A. Sraffa, Wittgenstein, and Gramsci. **Journal of Economic Literature**, Pittsburgh, v. 41, n. 4, p. 1240-1255, dez. 2003.
- WITTGENSTEIN, L. **Fichas (Zettel)**. Lisboa: Edições 70, 1981.
- _____. **Investigações filosóficas**. Petrópolis: Vozes, 2014.
- _____. **Livro azul**. Lisboa: Edições 70, 1981.
- _____. **Tractatus logico-philosophicus**. São Paulo: EDUSP, 2017.